

Epistolário

Uma carta de Antonio de Sousa de Macedo

SUBSCREVE a carta que hoje oferecemos aos leitores da *Livros* um dos homens mais notáveis do nosso país, um dos super-homens da Raça, daqueles que nas grandes crises, nos passos angustiosos e incertos para os nossos destinos de nação livre, sempre, graças a Deus, têm aparecido, evidenciando dotes até então ocultos, reservas inesgotáveis para as ocasiões de perigo.

Tempo de intensa comunhão patriótica, de fé, de audácia e heroicidade, mas também de dificuldades assombrosas, foi esse da Restauração de 1640 à Paz de 1668!

E vencemos então através de tudo!

Se nos emociona o conhecimento dos feitos dos nossos soldados nas batalhas da fronteira e na recuperação do Ultramar, não menos nos impressionam e causam admiração essas outras pelejas, também heroicas, da diplomacia.

Foi nestas que Antonio de Sousa de Macedo prestou a Portugal inigualáveis serviços, pondo por mais de uma vez á prova o seu invulgar talento, o seu habilíssimo tacto diplomatico, que tão eficazmente contribuiu para a consolidação da independência da Patria.

A acção diplomatica dos representantes del Rei D. João IV em Roma, Inglaterra, França, Holanda, Suecia e Dinamarca, pode classificar-se, no seu conjunto, de notabilíssima, mas em nenhum dos seus agentes encontrou o Restaurador quem se avantajasse ou sequer igualasse a Antonio de Sousa de Macedo.

As mais difíceis missões lhe foram confiadas ou nelas colaborou.

Impossível é resumir nesta simples nota os serviços de Antonio de Sousa de Macedo, em Roma, Inglaterra, Holanda e depois em Portugal, onde o seu conselho sempre tão bem recebido foi do Rei, da Rainha e do Príncipe, o que, se por um lado sobremaneira o honrava, por outro lhe grangeava implacáveis inimigos, invejosos da sua influencia. Nestes se contava o P.^e Antonio Vieira, que, por fim, compreendeu que devia respeitá-lo. «Desfazer nele era impossível porque sua opinião vencida e açamava até a propria inveja», disse o insigne jesuita.

«Era uma prodigiosa organização de forças em fecunda contribuição para o bem de seu país», escreve o Dr. Solidonio Leite. E acrescenta: «E sobrava tempo a esse

homem extraordinario para compor muitas obras de subido valor, as quais bastar-lhe-iam para assegurar-lhe a gloria!»

Assim é. Veja-se a relação dos seus trabalhos. Assombra, realmente, tamanha actividade intelectual!

A quando da sua ida a Inglaterra e tendo os embaixadores portugueses pedido as necessarias ordens para a sua entrada na corte, foi-lhes exigido um memorial expondo as razões da insurreição. Com assombrosa presteza, diz o Dr. Solidonio Leite, seguindo outros autores, logo Antonio de Sousa de Macedo redigiu e apresentou um bem fundamentado manifesto, mostrando os direitos de D. João IV e o modo da sua aclamação. Depois de um novo trabalho refutando o manifesto castelhano, a missão foi recebida iniciando-se as negociações, de que resultou o tratado de 29 de Janeiro de 1642.

Ao leitor curioso não faltam elementos para o estudo desta individualidade bem credora do respeito e da admiração de todos os portugueses. Desde os seus contemporaneos até aos nossos dias, quantos se têm occupado de Antonio de Sousa de Macedo! Mas — é interessante — modernamente, a dois estrangeiros se devem subsidios muito valiosos para o estudo de tão prestante varão. O sr. Edgar Prestage, ilustre professor, publicou em 1916, no Boletim da 2.^a classe da Academia das Sciencias de Lisboa dois estudos, inserindo documentos inéditos muito importantes. Destes trabalhos se imprimiram separatas.

O sr. Dr. Solidonio Leite, em 1917, publicou, a proposito da autoria da *Arte de Furtar*, um trabalho de grande erudição, em que, discutindo este controvertido assunto com notavel conhecimento, se alarga na biografia de Antonio de Sousa de Macedo, a quem atribui a aludida obra, que vulgarmente corre como escrita pela pena classica de Vieira.

Nestes trabalhos encontrará o leitor elementos bastantes para ajuizar sobre Macedo.

*

A carta que inserimos é datada de Haia, a 1 de Dezembro de 1650.

Convém, pois, dizer que Macedo substituiu D. Francisco de Sousa Coutinho, na embaixada da Holanda, exactamente nesse ano. As dificuldades eram grandes para a

politica portuguesa, pois se discutia a proposta do presidente da Zelandia que tinha em vista a guerra a Portugal.

«Tinha a Holanda na Asia e na America interesses da maxima importancia, absolutamente contrários aos do governo português, e não queria de nenhum modo perder a sua colonia de Pernambuco».

.....
«Grande sagacidade empregou Macedo, que afinal conseguiu fazer com que as outras provincias modificassem o seu voto primitivo.

Do ardor com que se empenhou nessas negociações, deixou-nos um atestado importante no *Discurso e pratica que fez aos*

Estados das Provincias Unidas, estando todos juntos em côrtes sobre a paz com Portugal, em 6 de Maio de 1651» ⁽¹⁾.

E' desta epoca a carta que inserimos e reputamos inédita. Devêmo-la á amabilidade do sr. V. Fernandes Tomás, irmão do nosso saudoso amigo e grande bibliografo Anibal Fernandes Tomás, que no-la ofereceu para a nossa modesta collecção.

Gostosamente oferecemos agora o seu conteúdo aos leitores da *Livros*.

FRAZÃO DE VASCONCELLOS

(1) *A Autoria da Arte de Furtar*, por Solidonio Leite. Rio de Janeiro, 1917.

Sñor

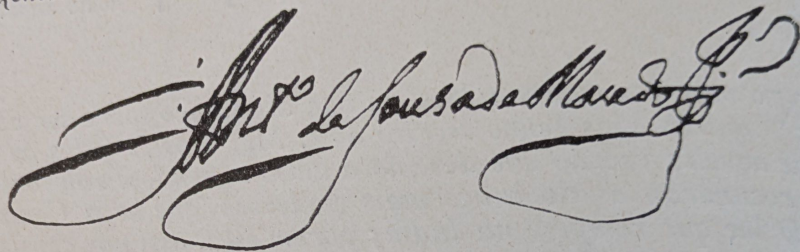
No meo das contradições em que ainda fico sobre ser admittido a tratar, como por outras vias tenho escrito a V. Mg.^{de}, os Estados de Zelandia, e as mais pessoas de aquella facção que desejão a guerra, vendose sem forssas p.^a conseguir seu intento procurarão as do braço mais poderoso, que he a Companhia Oriental, persuadindo lhe que rompesse na India; porem esta, assi por consistir principalmente em Amsterdam, que acha convir lhe mais a paz, como por estar satisfeita com o que possui na India, respondeo que lhe não convinha apresarse a tal resolução; contudo deixou de fazer a repartição dos ganhos que determinava, e meteo tudo em preparar desasete navios p.^a mandar neste anno a India, se ate a monção desconcertassemos aqui, de modo que a tregua se rompesse descubertamente. Depois me avizarão que os da Companhia estavam ja reduzidos a rompimento, e que p.^a se disfarçar, serei admittido com demonstrações que nesse Reyno causem confiança; e no mesmo tempo se mandará investir Ceilão, e impedir a barra de Goa p.^a que não aja socorro. Não tenho este avizo por infalivel; e posto que o fosse, cuido que isto se alterará com a morte que sobreveio do Principe de Orange, sem cujo favor Zelandia tem menos authoridade; e com cuja falta se pronosticão entre todas estas Provincias algumas desordens, o receo das quais obrigará os prudentes a não affectar a guerra. Todavia como he certo que os desasete navios estão prevenidos com duvida de se usar delles, me pareceo avisar a V. Mg.^{de} por esse Conselho p.^a que tendo noticia do que passa, ordene a prevenção conveniente nesta mesma duvida, de modo que nem se fação demasiados empenhos p.^a o que pode ser necessario, nem aquellas partes se achem sem o necessario avendo occasião repentina, e do que eu mais alcançar nesta materia irei avisando a V. Mg.^{de}, se bem os gellos que começarão brevemente impedirão partirem destas partes navios.

Parece-me tambem que devo lembrar a V. M.^{de}, que quando estive em Inglaterra soube estar a Companhia Oriental ingresa tão pobre que somente se sustentava pella ambição dos que a governavão, e tinha o mayor cabedal nos favores que achava em Goa comprando canella com bons partidos. E suposta a guerra que temos com o Parlamento, cuido que não ha inconveniente, e que na India teremos forças bastantes (em caço que não se rompa com os Hollandeses) p.^a acabar esta Companhia Ingresa, a qual não tem cabedal p.^a de Inglaterra lhe hir socorro hua vez que da India lhe falte correspondencia; e da Hollandesa não pode esperallo; assi pella emulação que ambas tem ha muitos annos; como porque de presente estão por ca os Hollandeses e Ingreses em muito má intelligencia.

As utilidades que se nos seguirão sabe melhor esse Conselho, eu pello que alcan-

LIVROS

cei em Inglaterra, tenho por duas mais principaes ficar Ormús sem estes amigos, p.^a quando queiramos recuperallo, e não levarem os Ingreses canella á Italia, como fiserão os annos passados abatendo a nossa; e p.^a os negocios que temos entre mãos, he mais importante, porque a boa paz não se alcança por cortesias, senão por boa guerra; e assi será hum dos meos efficazes de nos concertarmos com o Parlamento, fazermos guerra áquella Companhia, p.^a que ou elle tenha mais que temer, ou nos mais que lhe restituir. Imaginava eu que mandandose este anno á India alguma prevenção contra o receo que asima aponto dos Holandezes, seria bom ordenar que se este não sahise certo; aquella prevenção se empregase contra os Ingreses. Esse Conselho pezará com mais maduro juizo o cabedal, a occasião, e as conveniencias, sobre estes arizos que faço conforme a minha obrigação — Deos guarde a Real Pessoa de V. M.^{de} — Haya 1.^o de Dezembro 1650.



Variantes das Portadas dos LUSIADAS

... Sr. Director da Revista Livros:

N o numero quatro da Revista que V. ... tão proficientemente dirige, e sob o pseudonimo «Anto», vem inserto um artigo intitulado «Variantes das Portadas dos Lusiadas» em que o ilustre signatário expende a sua opinião sobre as transformações sofridas pela gravura, empregada na impressão das portadas de diversas obras, inclusivé dos Lusiadas de 1572, de uma forma até hoje inédita.

Pelo estudo que em tempo fiz da portada dos Lusiadas, e consultando algumas notas soltas tomadas nessa ocasião, parece-me que ha manifesto erro na maneira de ver do ilustre articulista. Peço por isso a V. ... autorize a publicação destas despretenciosas linhas, certo de que elas alguma luz, embora fraca, irão lançar nesta debatida questão.

O signatario do artigo socorreu-se para o seu trabalho das reproduções zincograficas impressas nos catalogos dos leilões Samodães, — Ameal — G. de Brito etc. sem ter feito prévio exame aos respectivos originaes. D'aí a confusão. Espero poder esclarecer o assunto depois do exame a que procedi na B. N. L. de quasi todas as obras apontadas no mesmo artigo.

As gravuras que serviram para a reprodução fac-similada das portadas dessas obras, apenas teem um valor relativo e aparente, visto que o trabalho da zinco-gravura é em quasi todas elas imperfeito (ou perfeito de mais), de forma que pequenos vestigios, que são aliás importantissimos para o estudioso, e existentes na gravura original, foram suprimidos pelo gravador com o fim de apresentar uma gravura em que o desenho se mostre nito e de traços definidos.

Assim, a gravura empregada na illustração do artigo, a que me refiro, e que serviu tambem no recente catálogo que o livreiro Sr. Tavares publicou para o leilão que começou no dia 26 de outubro, a pag. 23, carece em absoluto de valor para estudo e exame.

O gravador, desconhecendo o valor bibliografico da gravura, suprimiu com o óuril os pequenos vestigios das hastes das lanças e troféus que aparecem no respectivo original, existentes nos fustes das colunas pela parte interna e externa e fez uma ligação forçada, onde não existe, das volutas com a arquitrave e dos sócos com a base, quando os originaes apresentam exactamente o contrario, mostrando clara a supressão quasi total das mesmas volutas e plinto dos sócos. Esta solução de continuidade é da maior importancia para mostrar em parte, a divisão da gravura original em quatro.